

Guiné-Bissau: Entre o Conflito e a Democracia



Desde o conflito de 1998-99 que a Guiné-Bissau se encontra mergulhada num clima de instabilidade política, com a permanência de factores estruturantes de crise que impedem a consolidação das estruturas democráticas e a prossecução de estratégias sustentáveis de desenvolvimento a longo-prazo. Apesar da existência de um certo grau de coesão e de uma identidade nacional forte – derivada em grande medida da organização social de base rural e do legado da luta de libertação nacional – nos últimos anos tornou-se evidente uma polarização crescente da

sociedade guineense, tanto em termos das elites militares e políticas (dentro e entre partidos) como em termos étnicos (com erosão do diálogo inter-étnico e a politização crescente deste elemento).

Um dos factores estruturantes de crise reside na fragilidade das instituições e na inexistência de uma cultura democrática sólida que seja valorizada ao nível central e se situe para além da mera realização de eleições. Relacionado com este, está o frágil equilíbrio entre o poder político e militar, agravado pelas divisões no seio destas duas esferas. Por um lado, a divisão intra-partidária no seio do PAIGC é evidente, com a existência de alas pró-Nino Vieira e alas afectas à presente candidatura de Malam Bacai Sanhá, suscitando a questão de como irá reagir o eleitorado tradicionalmente próximo do PAIGC neste escrutínio presidencial. O actual governo encontra-se numa situação de fragilidade, sem maioria parlamentar e sem o apoio da etnia balanta, excluídos do poder até 1998, durante o regime de Nino Vieira. Por outro lado, o comportamento errático de Kumba Ialá durante a sua presidência (1999-2003) afastou vários membros do seu partido (Partido da Renovação Social – PRS), bem como uma franja da etnia balanta – essencialmente do sul – que, descontentes com a sua liderança, poderão ter outro sentido de voto.

No seio da instituição militar, a percepção é de que a vitória do PAIGC nas eleições presidenciais pode abrir caminho a uma verdadeira reestruturação das forças armadas, acabando consequentemente com a predominância da etnia balanta, o que poderá motivar períodos de renovada instabilidade se a questão da composição étnica não for devidamente equacionada. A existência de uma cultura militar intervencionista e politizada – patente no modelo seguido ao longo da história guineense pelos diversos golpes de Estado (Nino Vieira em 1980, Ansumane Mané em 1998 e Veríssimo Seabra em 2003) – reforça igualmente a necessidade de redefinir o seu papel na sociedade, por forma a que se constitua como factor de estabilidade e agente de desenvolvimento. No entanto, para além de não existir qualquer consenso no seio da sociedade guineense relativamente à forma como o processo de reestruturação deve ser conduzido, por outro lado, sem reconciliação entre as diversas facções militares qualquer tentativa de reforma será encarada como um instrumento político de exclusão de alguns grupos em favorecimento de outros.

[Informações Gerais](#)

[Notícias](#)

[Documentos Oficiais](#)

[Papers e Relatórios](#)

[Links úteis](#)